

MOCCI, Giselle. *Imagem de mulher proposta pela literatura de autoajuda: análise de quatro obras contemporâneas.* Curitiba: Mestrado em Sociologia da UFPR, 2006, 213 p<sup>1</sup>.

Emanuela Carla Siqueira<sup>2</sup>

- Enviado em 16/05/2016
- Aprovado em 18/06/2016

A literatura de autoajuda teve o seu apogeu na virada do século XX para o XXI, os livros que ocupavam – e ocupam ainda – o topo das listas de mais vendidos, serviram como espécie de manuais de comportamento para leitores ávidos em se localizar numa modernidade que parecia mais rápida do que era possível acompanhar. Nesse contexto de virada de século, muito da construção da subjetividade de homens e mulheres foi moldada por esses livros supostamente escritos por profissionais e entendedores dos comportamentos humanos e as relações entre si.

Mesmo que as obras sejam de grande exposição e acesso, os títulos e seus autores também sofreram críticas em relação ao conteúdo reducionista e a falta de pluralidade. Com essa perspectiva analítica, Giselle Mocci analisou quatro obras com número alto de vendas, pensando nas formas que agem sobre o leitor, como constroem e mantém seus discursos, que imagens estão promovendo e que tipos de comportamento estão normatizando e promovendo em relação a figura da mulher. As obras analisadas foram 1) Por que os homens fazem sexo e as mulheres fazem amor? (2000) e 2) Por que os homens mentem e as mulheres choram? (2003), ambos da autoria do casal Allan e Bárbara Pease; 3) Homens são de Marte, mulheres são de Vênus (1995), de John Gray; e 4) Homem cobra, mulher polvo(2004), do autor brasileiro, Içami Tiba.

<sup>1</sup> Dissertação de Mestrado em Sociologia defendida no Programa de Pós-graduação em Sociologia da UFPR no ano de 2006 realizado sob a orientação da Professora Doutora Maria Tarcisa Silva Bega.

<sup>2</sup> Graduada em Letras – Inglês e Literaturas de língua inglesa pela Universidade Comunitária da Região de Chapecó. Endereço eletrônico: [emanuelacsiqueira@gmail.com](mailto:emanuelacsiqueira@gmail.com)

*Imagen de mulher proposta pela literatura de autoajuda* não pretende ser um trabalho exclusivo sobre gênero, mas consegue ter um olhar crítico sobre as definições de mulher e feminino propostas nesses livros. No primeiro capítulo a autora faz uma revisão sobre as ideias de identidade, subjetividade e definições de literatura de autoajuda. Dialogando com teóricos como Stuart Hall e Anthony Giddens, a autora dá noções de quem seriam esses sujeitos modernos e pós-modernos que buscam respostas nesses manuais supostamente especializados. Querendo dar sentido pelas lutas contemporâneas de construção de uma identidade unificada, o leitor busca sentidos e respostas na literatura de autoajuda que, como se vê no desenrolar da dissertação, funciona como fortalecedora de uma subjetividade voltada para a lógica capitalista e ignorante diante de fatos sócio-históricos.

Apresentando os teóricos de literatura de autoajuda Francisco Rüdiger e Arnaldo Chagas, a autora não tem a intenção de colocá-los na pauta de uma discussão mas sim de apresentá-los ao leitor. Ambos os autores são bastante críticos em relação ao gênero textual empregado nesse tipo de literatura. Fazem um histórico de como surgiu o discurso de transformação da subjetividade e exaltação do indivíduo, algo tão caro desde o Iluminismo. Também apontam para a ilusão do discurso que camuflaria pautas sociais e de raízes históricas, tratadas de formas irrelevantes nas construções de indivíduos propostas nesses livros.

Para discutir as identidades e subjetividades do leitor planejado para a literatura de autoajuda, Giselle reconstrói a representação da mulher na mídia do século XX, com raízes fincadas ainda no século XIX. No princípio, essas mídias faziam o papel de entretenimento através dos folhetins de estilo romanesco e com o tempo foram ganhando ares de confidências, dando dicas de comportamento, de moda e funcionavam até como uma forma de empoderamento dessas leitoras que tinham suas vidas fundadas no privado. Utilizando o trabalho de Edgar Morin em recuperar a história das mídias de massa, comprova-se que o discurso científico sempre fora voltado para o masculino, cabendo as mulheres apenas algumas peculiaridades cotidianas e dicas de comportamento, altamente fundadas nas tradições e lógicas sociais de época.

Analizando a constituição dos papéis sociais de diferentes naturezas e culturas, fica claro que o discurso de autoajuda não leva em consideração a pluralidade dos possíveis leitores, fazendo sentido apenas para uma parcela de classe média, branca e fiel a acreditar que tudo pode ser explicado através de um viés biológico, tratando o contexto social e histórico como simples papéis de parede de comportamentos inatos e certos de determinados resultados.

Mas é analisando minuciosamente cada obra no segundo capítulo – que mostra a distinção dos gêneros – que ficam claros os pré conceitos propostos pelos autores, através de discursos que se utilizam de ironias, piadas e de muito senso comum camuflado de exemplos pseudo científicos e de origens duvidosas. Na escolha dos títulos a serem analisados, a autora levou em consideração os *rankings* de público, o ano de publicação (que tivessem sido lançados na última década de início a pesquisa) e a circulação das obras.

Em *Por que os homens fazem sexo e as mulheres fazem amor* (2000) o casal Pease afirma que homens e mulheres são da mesma espécie mas vivem em mundos distintos, essa diferenciação estaria fundada ainda nos tempos das cavernas, quando homens saiam para caçar e as mulheres esperavam o seu retorno. Tanto as funções cerebrais, quanto habilidades primatas são levadas em conta pelos autores para especificar as diferenças entre homem e mulher. Os autores também trabalham com o conceito exclusivo de casais heterossexuais, tratando a homossexualidade como um problema genético, inclusive usando o termo *homossexualismo* (como se fosse uma doença ou desvio).

A mesma dupla de autores também escreveu *Por que os homens mentem e as mulheres choram?*(2003) identificando outras características específicas de homens e mulheres como resultados biológicos. Aqui fatores físicos, como as formas do corpo e temperamento, são usados para mostrar como cada sexo reage diante de situações aparentemente típicas do cotidiano.

Os outros dois livros *Homens são de Marte, mulheres são de Vênus* (1995) de John Gray e *Homem cobra, mulher polvo* (2004) do brasileiro Içami Tiba, também promovem a dualidade entre feminino e masculino, se pautando da biologia e outras lógicas que seriam intrínsecas de cada gênero. O primeiro trabalha com uma ideia de que cada gênero viria de um planeta diferente – explicando as causas de não falarem a mesma língua e não se compreenderem – e o outro os coloca em papéis de espécies diferentes, impelindo-os comportamentos predadores e tratando comportamentos sociais de forma mesquinha.

Todos os quatro autores renegam qualquer teoria de estudos de gênero e estudos feministas que não se adaptem a respostas com abordagem biológica. Também se tratam como revolucionários e constroem seus discursos em cima de suas próprias teorias e obras anteriores, usando como base pesquisas e informações mais amplas e pouco específicas, credenciando a si mesmos a qualidade e fidelidade do discurso apresentado nas obras.

Giselle Mocci usa o conceito de culpabilidade trabalhado pelo filósofo Guattari para explicar a estratégia cultural usada para controlar os desejos de subjetividades que os indivíduos possam ter. Esse manuais de autoajuda, que ditam como homens e mulheres devem se comportar em relacionamento sexuais e afetivos, agem sempre defendendo ou culpando um dos lados. Nos quatro casos estudados a autora da dissertação prova como a mulher é o sujeito culpado por querer sair do papel proposto desde os tempos mais primordiais, enquanto o homem age fielmente ao instinto. Mas, os autores dessa literatura, também usam um discurso passivo agressivo sugerindo que mudanças podem e devem ocorrer, contanto que não se negue o fator biológico, correto e funcional. Ou seja, fingem agir em nome do novo, promovendo papéis pré-históricos e tradicionalistas.

Quanto mais a autora se aprofunda na análise das obras, mais nítido fica que elas irrelevam todo o contexto histórico e social das lutas de igualdade e reforçam papéis engessadores, calcados numa lógica capitalista de domar os gêneros, para que sejam bons produtores e vazios de subjetividade. Essa análise das obras se dá através do discurso por elas oferecido, levando em conta os pontos usados pelos autores para que sua retórica funcione, convencendo o leitor. Primeiro os autores usam linguagem coloquial e acessiva, mostrando sua aptidão em dialogar com públicos, desenvolvida em seminários e palestras do estilo. Dentro desse discurso simples, os autores se utilizam de suas histórias - e de terceiros próximos - para validar suas certezas de comportamentos, dando a si autoridade sobre o assunto. Usando o plural, se colocando junto com o leitor, os autores abusam da técnica de ter uma possível intimidade com quem está lendo, como se falasse de amigo para amigo, tornando o discurso uma espécie de doutrinação.

No terceiro e último capítulo a autora reafirma vários pontos desenvolvidos durante as análises das obras, mas aqui voltados especialmente para a identidade da mulher no discurso de autoajuda. Dividido nos tópicos de sexualidade/namoro/casamento, afetividades, maternidade/paternidade, cognição, sociabilidade e trabalho, o capítulo reafirma a condição da mulher como objeto de sedução – mas que deve ser recatada no momento certo – de sempre estar pronta para esperar o homem, saber se calar mas também ser “masculina” caso almeje alguma satisfação profissional. Ou seja, a subjetividade da mulher em livros de autoajuda é de total controle pelo padrão do patriarcado, por mais que os autores neguem qualquer abordagem histórica e social.

Percebe-se que, apesar de todo cuidado da autora em ser altamente informativa e do seu embasamento teórico, é impossível manter uma imparcialidade diante de discursos tão alienantes

como das obras de autoajuda analisadas. Por fim, a autora reforça sobre o foco desse discurso em usar o poder para agenciar as subjetividades e territorializar as identidades, principalmente das mulheres. A crítica desenvolvida por Giselle Mocci é analítica, embasada e consegue apontar situações para um maior desenvolvimento da pesquisa, que pode se tornar extensa visto ainda a permanência desses tipos de títulos nas listas de mais vendidos em grandes cadeias de livrarias. É sintomático que esse gênero de obra alcance um grande público, espera-se que a pesquisadora retorne ou incite novos trabalhos, analisando o perfil de leitores e a influência dessas leituras no comportamento social.